

# DO INOMINADO AO CORPO EROTIZADO

Alejandra Mendez Vargas (Mestre pelo PPG em Teoria Psicanalítica – UFRJ/CAPES)

## RESUMO

Apoiada na concepção barthesiana de escritura, atravesso, neste artigo, duas produções escritas que dão testemunho das construções de dois corpos em processos de transição. Destaco a importância da enunciação que encontramos em cada uma delas. Essas escrituras tratam da criação de imagens de si que se faz fundamental para a sustentação destes corpos. É a partir da formulação dessas imagens que será possível dizer-se, reconhecer-se enquanto *Eu*: ponto de onde se pode enunciar. Dessa maneira, afirmamos, a partir do olhar da psicanálise, que inconscientemente, corpo e linguagem estão intimamente amarrados e apoiados em uma imagem mais ou menos unificada, uma imagem de *Eu*.

**Palavras-chave:** escritura; corpo pulsional; Eu; imagem.

## ABSTRACT

Supported by the Barthesian conception of scripture, I go through this article within two written productions that testify the construction of two bodies in transitional processes. I highlight the importance of the enunciation we find in each of them. These scriptures deal with the creation of images of the self, which is fundamental for the support of these bodies. It is from the formulation of these images that it will be possible to say, to recognize oneself as I: the point from which one can enunciate. Thus, we affirm from a psychoanalytic perspective that unconsciously body and language are intimately tied and supported by a more or less unified image, an image of the self.

**Keywords:** scripture; drive body; I; image.

## INTRODUÇÃO

Proponho, neste artigo, uma aproximação entre dois campos teóricos e práticos, a psicanálise e a literatura, para discutir a dimensão imagética que ambos produzem. O primeiro trabalha através da fala e o último por meio da escrita. Tanto as produções inconscientes como as literárias normalmente se apoiam ou partem de imagens incompreensíveis, de impasses na linguagem, de coisas ou acontecimentos que não podem ser descritos, que escapam ao antecedido e recorrem ao incansável dizer para contornar o indizível.

É cabível dizer que a psicanálise, além de um vasto campo teórico, se sustenta e acontece em um dispositivo, o *setting* analítico, no qual ocorre uma operação clínica através da materialidade da palavra. Esta operação se dá apoiada em uma fala articulada, onde a pessoa falante dá notícias do inconsciente, ou seja, as produções inconscientes aparecem em formas de chiste, atos falhos, silêncios, esquecimentos, tropeços na fala... como recursos de recuo na língua para uma transformação da narrativa de si. O campo da literatura, por sua vez, trabalha com a materialidade da letra, produzindo uma escrita na qual se criam e se transformam percepções, na qual se escreve o que não existe:

Tenho que interromper para dizer que o “X” é o que existe dentro de mim. “X” – eu me banho nesse **isto**. É **impronunciável**. Tudo que não sei está em “X”. A morte? A morte é “X”. Mas muita vida também pois a **vida é impronunciável**. [...]

Espero que você viva “X” para experimentar a espécie de **sono criador** que se espreguiça através das veias. “X” não é bom nem ruim. Sempre independe. Mas só acontece para **o que tem corpo**. (LISPECTOR, 1998, p. 81)

Vamos nos apoiar neste X de Clarice Lispector para destacar o que para ela se revela: um **isto**, no qual ela se banha e só acontece para **o que tem corpo**. A morte, a vida, só acontecem para aquele que tem corpo, a linguagem só acontece para o que tem corpo, a fala, a escrita e o inconsciente também se articulam em corpo. Para entender o que estamos chamando de corpo, acompanhamos o pensamento de Barthes, em *O prazer do texto* (1987[2013]), em que ele elabora a ideia de um corpo textual, um corpo que se produz no ato da *escritura*.

A escritura, para o autor, seria o compromisso entre duas margens: uma margem “sensata”, “plagiária”, que trataria de copiar a língua em seu estado canônico tal como foi fixada pela cultura como uso correto; e uma outra margem, móvel, que subverteria essa estrutura e que se produz no ato da escrita com a materialidade do significante. O compromisso entre estas duas margens é o de abrir uma fenda que, segundo ele, é “o interstício da fruição, produz-se no volume das linguagens, na enunciação, não na sequência dos enunciados” (BARTHES, 1987 [2013, p. 19]). O autor sustenta ainda que aquilo que se cria entre as duas margens, aquilo que dá lugar à enunciação, essa fenda é o corpo. Ou seja, utilizar as formas e códigos da língua para criar e extrair através deles uma expressão distinta ao que já havia, distinta ao plágio, seria justamente criar corpo. É corpóreo isso que se apresenta e se produz numa escritura:

Parece que os eruditos árabes, falando do texto, empregam esta expressão admirável: *o corpo certo*. Que corpo? Temos muitos; o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala: é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, filólogos (é o fenotexto). Mas nós temos também um corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas, sem qualquer relação com o primeiro: é um outro corte, uma outra nomeação; do mesmo modo o texto: ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem (...). O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo? Sim, mas de nosso corpo erótico. (BARTHES, 1987 [2013, p. 24])

Barthes aproxima a vivacidade do texto, que assume com sua ideia de escritura, ao corpo erotizado, propriamente sexual, que não condiz com a mera forma anatômica humana. Desde os primórdios a psicanálise se ateu à percepção do corpo para além de sua anatomia funcional. A ideia de corpo pulsional sustentada por Freud, como um corpo investido e marcado pelo sexual, é central na psicanálise.

Luciano Elia (2004), atravessado pelo ensino de Lacan, pontua que o surgimento de um corpo pulsional se dá por um viés que prioriza o significante. Ou seja, é no que o significante toca o corpo que ocorre o processo de erotização. O significante toca o corpo transmitido através da voz, essa “materialidade corporal” que o sustenta

O significante é material (imagem sonora, unidade material da fala humana) e simbólico (sua articulação em cadeia produz uma ordem capaz de engendrar o significado, que não se encontra constituído desde o começo, antes da articulação significante). E o que é o inconsciente freudiano senão um sistema de elementos materiais articulados como

cadeias [...] desprovidos, em si mesmos, de significação [...]? (ELIA, 2004, p. 38)

Instaura-se, assim, um paradoxo: o corpo erógeno ou pulsional seria efeito de significante; o significante, por sua vez, se articula em cadeia através do corpo. Seria possível localizar com precisão esta conjunção? O bebê humano ao nascer precisa de cuidados corporais, estes vão junto a um enlace que a Ordem Simbólica ou a linguagem acarreta: a linhagem familiar e as interpelações sociais. A linguagem circula e está sendo transmitida ao bebê humano desde antes de sua concepção através dos significantes dos pais, justamente por estarem todos inseridos no enredo da cultura compartilhada. Freud chamou de desamparo fundamental a condição primeira do bebê humano que exige a presença de um adulto próximo para inseri-lo na Ordem Simbólica.

A função de presença é tradicionalmente vista como uma função materna. Lacan dá condições para pensar que a mãe encarna para o bebê a Ordem Simbólica ou um ordenamento significante e não significativo, ou seja, uma cena [edípica], um recorte possível do mundo humano. O Outro, ou a Ordem Simbólica, é o “esqueleto material e simbólico” do ordenamento da linguagem e suas leis, como diz Elia (2004, p. 40). O autor afirma que “o que a mãe transmite é, primordialmente, uma estrutura significante e inconsciente para ela própria (ela não sabe o que transmite para além do quê ela pretende deliberadamente transmitir).” (ELIA, 2004, p. 40). O que chega para o bebê é um conjunto de marcas significantes “que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama sujeito. O sujeito é, portanto, um ato de resposta, uma resposta dada em ato” (ELIA, 2004, p. 41), vale dizer, uma resposta que vai ao encontro do Outro e se faz presente no corpo, uma resposta que o constitui.

É apenas num tempo posterior, portanto, que teremos notícias deste encontro com o Outro. Esta diacronia temporal é própria da estrutura significante. Os primeiros significantes que dizem sobre o bebê só ganharão um significado a partir da articulação de significação. Os significantes convocam o sujeito, mas é somente na arbitrariedade do que se articula e no deslize dos significantes que o corpo vai ganhando sua forma. Nesse mesmo movimento, os significantes ganham materialidade. É nesta dialética que se constitui o sujeito do inconsciente. “Se o sujeito é constituído, é porque, para a psicanálise, ele não é inato, não é

um *membro nato de seu corpo.*” (ELIA, 2004, p. 45) No entanto, é através do corpo e articulado em linguagem que ele emerge.

É seguindo este pensamento em que o corpo pulsional é atrelado desde o início à linguagem que podemos afirmar um corpo erógeno e diferenciá-lo de um organismo movido por instintos. O corpo para a psicanálise não é um organismo funcional e sim um corpo erotizado e investido no Outro. Este investimento, por sua vez, este banho de significantes, dá-se pela imperiosa urgência de sobrevivência do bebê que nasce com necessidades vitais e orgânicas a todo tempo mediadas pela palavra de quem o cuida.

Dessa maneira, vemos como há uma operação de fala que marca e constitui o corpo do bebê. Para que ele possa também se dirigir ao mundo dos falantes, ao enlace da linguagem no qual ele tem lugar através de um nome que lhe será referência. É através desse nome que ele vai constituir-se enquanto *eu*, mas nem por isso deixará de ser atravessado pelos impasses inconscientes.

Vamos nos debruçar aqui sobre duas escrituras que tratam de (trans)formações corporais: a primeira é o relato autobiográfico de João Nery (2011), no qual narra seu processo de transição sexual; a segunda é a “ficção autopólica” de Paul B. Preciado (2018) que, a partir de uma experiência de intoxicação voluntária de testosterona, se propõe a demonstrar através do próprio corpo o modo como, segundo o autor, se constrói e desconstrói a subjetividade. Destacamos a importância da enunciação que encontramos em cada uma delas. O enunciado que aparece no corpo dos textos, por sua vez, a especificidade de tratar de processos de transição corporal não é menos importante. Essas escrituras chamam nossa atenção pela exaustiva interpretação e (re)formulação dos autores sobre si mesmos e suas histórias a partir do corpo, assumindo contradições e conflitos ao longo das narrativas. As escrituras não são apenas representativas, pois é no processo de escrita que elas tratam da formação de um corpo e da *imagem* necessária para sustentá-lo, apesar de toda a estranheza que isto implica.

O corpo anatômico se apresenta para ambos autores como encadeado a um saber cultural compartilhado e pactuado por uma lógica universalista da heteronormatividade<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Termo cunhado por Judith Butler (1990). Butler apresenta a estrutura do binarismo sexual como fonte de poder, que não apenas nomearia os corpos como distintos entre duas únicas categorias através dos termos

Cadeia esta que não condiz com o desejo identitário de nenhum deles. Tomamos como corpo sexuado, o corpo onde se expressa e se pratica o erotismo. João Nery e Paul B. Preciado apresentam, em seus escritos, a impossibilidade de exercer e praticar o erotismo com o corpo anatômico que aportavam de nascença, impossibilidade que os leva a transfigurar artificialmente o corpo em nome do erótico. Se, por um lado, é através da linguagem que o corpo é constituído, é também através dela que se abre lugar para a subversão e criação de outras formas de resposta ao instituído e naturalizado socialmente como corpo sexuado. Para estes autores, não basta uma mudança no discurso de si, e sim na enunciação, esta última implicando a estética corpórea, a imagem de si. Este processo demonstra a artificialidade em qualquer processo de constituição corporal, seja este mais ou menos condizente com a lógica pactuada socialmente.

## OUTRO *EU* NO MUNDO DOS NOMES

Freud, em 1923, formula a sua segunda teoria do aparelho psíquico onde apresenta a estrutura de três aparatos: o Eu, o Isso e o Supereu. Ele começa afirmando que parte do Eu pode ser inconsciente e argumenta que o traço distintivo entre o que é e não é inconsciente é ambíguo (FREUD, 1923, p. 16). Nesse momento, Freud tenta demonstrar como a formação do Eu é uma tentativa de dar contorno a um excesso interno carregado de inquietude e em busca de satisfação pulsional, “Um indivíduo é então, (...) um Isso [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu” (FREUD, 1923, p. 22). E ainda:

O Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim, em relação ao Isso ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo. [...] Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Isso, como se ela fosse a sua própria. (FREUD, 1923, p. 23)

Freud afirma aqui o caráter de relativo domínio do Eu frente ao desgovernado no humano. O Isso seria o campo das excitações pulsionais, que através do Eu ganhariam alguma

---

homem e mulher, como também produziria uma estabilidade interna desses termos, ou seja, tornaria estas categorias necessariamente complementares e rigidamente atrelada a anatomia do corpo.

forma de encontrar satisfação no mundo sofrendo modificações e censuras. No entanto, é o Isso a força motriz que movimenta os mecanismos libidinais do Eu. O Eu “é a parte do Isso que foi modificada pela influência direta do mundo externo” (FREUD, 1923, p. 22), seria então, a forma como se introduziria o princípio de realidade para mediar os imperativos do Isso. E do que trata este princípio de realidade ao qual Freud se refere? Desde 1900, em *Interpretação dos Sonhos*, Freud afirma que a realidade é uma realidade psíquica, no entanto, ela é também fruto do pacto social, das práticas e dos discursos compartilhados culturalmente.

Acompanhando as construções freudianas acerca da constituição do Eu, constatamos que o Eu é um primeiro contorno constitutivo produzido no encontro com a cultura, mas não só isso: “O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas é ele mesmo a projeção de uma superfície.” (FREUD, 1923, p. 24)

Dessa forma, vemos que o Eu seria uma projeção, ou seja, projeta algo que vem de Outro lugar e que, por sua vez, se passa no corpo. Não se trata de uma forma superficial, mas antes de tudo, de uma projeção que concretiza a superfície do corpo. A respeito deste caráter de superfície, Lacan, em 1949, formula o *Estádio do Espelho*, onde atribui principal relevância à imagem do Eu como instância de superfície virtual.

Anterior a este Escrito, no entanto, em 1936, em *Para-além do “Princípio de realidade”*, Lacan também se ateu à questão da imagem para formular que esta realidade que supomos compartilhada se trata de uma realidade psíquica e é estruturada enquanto projeção. Ele enfatiza que a noção de imagem aparece no campo científico com pouca relevância e reduzida à ideia de ilusão (LACAN, 1936, p. 81). Revela ainda que a psicanálise, por sua vez, deveria tomar a imagem como uma função fundamental para o sujeito, uma ilusão necessária. Ele afirma, inclusive, a prática da psicanálise como um dispositivo no qual se produz uma “experiência” apoiada na imagem do analista, ou seja, é a imagem a superfície motora do processo de uma análise, na qual poderá se estabelecer a transferência e se dirigir à palavra.

A partir da linguagem compartilhada, formamos imagens do mundo que serão a base das nossas identificações. Podemos acessar esse processo no campo da transferência: o sujeito formaria uma imagem do analista apoiada na “imagem do pai, ou da mãe, do adulto onipotente, [...] reflexo de si ou companheiro” (LACAN, 1936, p. 88) diante da qual ele demonstra a sua conduta na vida. Sobre os processos de identificação, ele afirma que não se



trata de pura imitação parcial das imagens dos objetos primordiais e sim de uma estrutura de “assimilação virtual” (LACAN, 1936, p. 92) que funciona para o sujeito. E ainda nos adverte:

É por intermédio do complexo que se instauram no psiquismo as imagens que dão forma às mais vastas unidades do comportamento: imagens com que o sujeito se identifica alternadamente, para encenar, como ator único, o drama de seus conflitos (LACAN, 1936, p. 93)

O complexo do qual Lacan trata aqui é o complexo chave da psicanálise, chamado complexo de Édipo, através do qual se dá a inscrição da Lei, que estaria apoiada na diferença sexual entre o pai e a mãe. Diferença sexual que não deveria ser reduzida a uma diferença genital. É a partir de alguma diferença que aparece no que é visto pela criança, ou seja, na imagem que a criança reflete de cada um dos seus pais, que a realidade do sujeito começa a se articular e a constituir um Eu diferenciado de seus objetos primordiais.

Treze anos mais tarde Lacan formula o *Estádio do Espelho como formador da função do [eu] (je)<sup>2</sup> (1949)*, onde introduz uma cisão do *Eu*. “Basta compreender o estádio do espelho como uma identificação [...] ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.” (LACAN, 1949, p. 97)

Nesse escrito, Lacan nos apresenta que o bebê, ao ver a sua imagem projetada no espelho, se reconhece ali e experimenta um júbilo ao perceber o seu corpo projetado numa imagem unificada no que antes era percebido/experimentado como sensações despedaçadas e fragmentadas. É no engodo das identificações espaciais que o bebê irá se apropriar daquela imagem como sendo a sua. Nesta assunção “parece manifestar-se, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu](je) se precipita numa forma primordial” (LACAN, 1949, p. 97). Temos aqui duas afirmações: a importância de uma forma primordial e o fato dela se articular de modo especular, ou seja, numa projeção que se dá perpassada pela matriz simbólica.

A cisão do *Eu* entre o *je* e o *moi* é de extrema importância. Ambos termos significam *eu* em francês, no entanto, em posições diferentes no discurso. Em termos gramaticais, *je* é o sujeito da enunciação, enquanto *moi* é sujeito do enunciado. Dessa forma, *moi* estaria para o imaginário assim como *je* estaria para o simbólico, ou seja, enquanto *moi* está numa dimensão

---

<sup>2</sup> Na tradução em português a diferença na transcrição é de [eu] e eu. Em francês, a diferença feita por Lacan é entre *je* e *moi*. Explico esta diferença a seguir. Optei por incluir o *je* e o *moi* entre colchetes nas citações ao lado de [eu] e eu para facilitar a compreensão do leitor.

narcísica de completude ideal, *je* busca um reconhecimento, se endereçando ao Outro, denunciando o inconsciente (LEGUILE, 2018). Tanto um quanto o outro, no entanto, apresentam-se cindidos.

A forma primordial seria uma forma do *moi* projetada pelo *je*. Lacan diz que esta forma “situa a instância do eu[*moi*] [...] numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado” (LACAN, 1949, p. 98). Ou seja, é uma forma que surge numa dialética entre simbólico e imaginário, carregada de real. É uma forma, portanto, “mais constituinte do que constituída”. Esta forma é fabricada, se produz e se conduz a uma dialética simbólica que se sustenta por situações socialmente elaboradas (LACAN, 1949, p. 101), dentre elas, o complexo de Édipo.

Em 1954-55, Lacan, ainda às voltas com a noção de Eu, retoma os textos de Freud e nos aponta que não se entendeu a radicalidade do que o fundador da psicanálise estava propondo. Partimos da ideia de que o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, “o inconsciente é este sujeito desconhecido do eu[*moi*], não reconhecido pelo eu[*moi*]” (LACAN, 1954-55, p. 65). Por outro lado, apresenta que quando Freud trata do processo primário, existe um “núcleo do nosso ser”, ao qual postula como [*eu*]/(*je*), uma instância diferente do *moi* imaginário. Ele declara que estes não coincidem, mas se confundem, e faz uma crítica aos psicanalistas da época:

Coloquemos duas imagens muito próximas uma da outra e quase se recobrimo – graças a uma determinada vesguice, poderá ocorrer que formem apenas uma, se estiverem bastante próximas. Da mesma maneira, vocês fazem entrar o eu [*moi*] neste [*eu*]/(*je*) descoberto por Freud – vocês restauram a unidade. (LACAN, 1954-55, p. 65)

Não basta apenas estarmos advertidos de que há duas instâncias diferentes, duas imagens que se sobrepõem e atropelam. Se tentarmos alcançar “a verdadeira”, estaremos novamente reduzindo o problema, que na verdade é o ponto que nos interessa sustentar com toda a dificuldade que isto acarreta. Não seria possível chegar a uma imagem e diferenciá-la da outra com facilidade, assim como Lacan especifica, ambas estão ali no mesmo lugar na nossa vesguice cotidiana:

O importante é a recíproca que deve ficar-nos sempre presente no espírito – o eu [*moi*], não é o [*eu*]/(*je*), não é um erro, no sentido em que a doutrina clássica faz dele uma verdade parcial. Ele é outra coisa – um objeto particular dentro da experiência de sujeito. Literalmente o eu [*moi*] é um

objeto – um objeto que preenche uma certa função que chamamos aqui de função imaginária (LACAN, 1954-55, p. 66)

A importância de situar duas instâncias que se diferenciam é poder justamente trazer à tona o caráter dialético que constitui o corpo. Dialético justamente porque constituído através do simbólico que é o campo entendido como o conjunto da linguagem, projetado imaginariamente no empuxe do real: “O desenvolvimento do eu [*moi*] só ocorre na medida em que o sujeito se integra ao sistema simbólico, aí se exercita, aí se afirma pelo exercício de uma palavra verdadeira. Não é nem mesmo necessário [...] que essa palavra seja a sua.” (LACAN, 1954, p. 118)

A “verdadeira palavra” será aquela introduzida pela situação simbólica do Édipo, e essa seria a virtude do complexo, para além do romance familiar. A importância de introduzir instâncias e distâncias relacionais que ofereçam um lugar ao sujeito, uma palavra, como divisora de águas, como delimitadora de formas. É nessa palavra que o mundo ou a realidade começa a se estruturar e se movimentar para o sujeito, é assim “[...] como se desenvolvem os investimentos sucessivos, que delimitam a variedade dos objetos humanos, quer dizer nomeáveis.” (LACAN, 1954, p. 119)

## (TRANS)FORMAR A LÍNGUA

O mundo nos atravessa pelos nomes que damos às imagens que vemos. Os nomes que nos são oferecidos criam imagens e percepções. Ao tratarmos de nomes e palavras, encontramos o ponto e o fio que aproxima e faz disjunção entre a fala e a escrita: a linguística. Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* que teve início em 1909, quando começou a formular a ciência que iria se debruçar sobre a língua apresenta que “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo, é representar o primeiro” (SAUSSURE, 1909-11, p. 58)

Ou seja, o objeto da linguística, para Saussure, é a língua falada. No entanto, ele já formulava que frequentemente “a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal” (SAUSSURE, 1909-11, p. 58). No início dos estudos da linguística, Saussure diz, que tradicionalmente, “a língua evolui sem cessar ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel.” (SAUSSURE, 1909-11,

p. 61) Por esse motivo a grafia se modificaria e tentaria se adequar e acompanhar o movimento da pronúncia. Nos interessa destacar aqui o caráter imagético da escrita, para pensar a provocação que apresentarei a seguir.

No trecho do romance *Água Viva* de Clarice Lispector, citado no início deste artigo, vemos aquilo que não se revela para a autora através do X: um isto inominável. Existe um outro X e é justamente esse que me interessa particularmente, e já foi explorado em outro trabalho<sup>3</sup>. O X começa a ser utilizado como um recurso, na escrita, diante dos questionamentos acerca do binarismo sexual. Essa intervenção surge em alguns países da América Latina, inclusive no Brasil, principalmente através dos canais virtuais de comunicação, mas não apenas. Trata-se de colocar a consoante X substituindo as vogais “a” e “o” no que elas determinam o gênero feminino ou masculino dos substantivos. Este X não se aplica em qualquer substantivo da língua, se aplica àqueles que determinam ou representam corpos sexuais. Dessa forma, os adjetivos, pronomes e artigos definidos, são alterados quando se referem a pessoas. No caso de substantivos que representam objetos propriamente inanimados esta proposta não se aplica. Este X se escreve normalmente entre consoantes, alterando a definição rígida do binarismo que usualmente enxergamos nos corpos sexuais.

Diante desta prática, formulamos uma constatação, uma dificuldade fonética se apresenta: esta proposta de intervenção só é possível de ser sustentada na escrita, pois a consoante no lugar das vogais torna a palavra impronunciável na fala, ou ainda, pronuncia muitos ruídos. Se o que se busca, com esta proposta, é uma neutralidade na língua, sustento que o efeito que se produz é exatamente o oposto, um efeito de falha sintática e gramatical. No entanto, é através da imagem vazia da palavra impronunciável, que aparece justamente o X, o enigma, o isto que interpela.

“A vida é impronunciável” diz Clarice, e à psicanálise interessa justamente o que pode aparecer nos ruídos e nas falhas da vida. Desta forma, destacamos deste X não a tentativa de responder ou solucionar os questionamentos acerca do binarismo sexual que se reproduziria no gênero dos substantivos da língua. Mas sim que, este X, produz uma imagem de enigma, seja na escrita, seja na fala, que evidencia que há um espaço entre o que se representa e o que é representado, entre o significante e o significado. Ali, no *a*, no *o* ou no *ruído* da linguagem

---

<sup>3</sup> *O x da questão: formar o corpo, transformar a língua?* (PERELSON; BRITTO; VARGAS, 2017)

há um espaço. É neste espaço justamente que se cria cada corpo em equivalência ao que chamaremos de Eu.

## ESCREVENDO-SE(R)

A arbitrariedade, como nos apresenta Saussure, é própria dos arranjos significantes e, portanto, do inconsciente. Não tomamos arbitrariedade por aleatoriedade, o inconsciente não é aleatório, ele trata a verdade. A verdade em Lacan não tem uma essência, não temos como detectá-la e encontrá-la; a verdade é recalcada, devemos habituar-nos com os efeitos dela. Mas a verdade é sempre uma nova verdade, não devemos contentar-nos em dar lugar a ela, e sim de assumir nosso lugar nela. “Ela exige que nos mexamos” (LACAN, 1957 [1998, p. 526]). A verdade da qual a psicanálise trata, é a verdade do inconsciente que, por sua vez, não é “primordial nem instintiva e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante.” (LACAN, 1957 [1998, p. 526]).

Mais adiante em seu ensino, Lacan toma o significante como semblante necessário para que o corpo se enlace e ganhe materialidade na linguagem. Dá um lugar privilegiado à noção de letra como traço, que resta e que marca este movimento. *Lituraterra* é um neologismo criado por Lacan que condensa tanto a ideia de literatura que é entendida “pelos manuais” como uma “acomodação de restos” (LACAN, 1971 [2001, p. 16]) e, portanto, uma espécie de liteira/lixo, resíduos, assim como a ideia de terra que enraíza ao mesmo tempo que suja uma escrita. *Lituraterra* (1971) é também o nome dado a um de seus Escritos no qual vai desbravar a noção de letra, como rasura, embora seja uma rasura que não se dá posterior a algo que esteve ali escrito, mas que se dá ao escrever.

Lacan assume neste Escrito uma posição diferenciada sobre o significante. Se até então era apenas através do significante e suas leis que tínhamos acesso ao inconsciente, ao propor o significante como semblante, Lacan propõe a letra como o que escapa ou resta ao semblante, o que rompe:

[...] ruptura que dissolve o que constituía forma, fenômeno, meteoro, e sobre a qual afirmei que a ciência opera ao perpassar o aspecto, não será também por dar adeus ao que dessa ruptura daria em gozo que o mundo, ou igualmente o imundo, tem ali pulsão para figurar a vida? O que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real se apresenta como

ravinamento das águas. É pelo mesmo efeito que a escrita [*écriture*]<sup>4</sup> é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem a fala. (LACAN, 1971 [2001, p. 22])

Dessa forma, cria outra possibilidade de operação na própria estrutura significante. Embora não se trate de atribuir primazia à noção de letra, ou primazia da letra em relação ao significante, trata-se sim de distingui-los enquanto operações. A letra permite uma escrita, enquanto o significante encadeia uma fala. É aqui que podemos aproximar a noção de escritura de si com o que é possível localizar e deslocar através do processo de uma análise com os restos daquilo que se diz.

[Q]ue tirássemos da escrita outro partido que não o de tribuna ou tribunal, para que nela se articulassem outras falas a nos prestar tributo. (...), o escrito que se fabrica com a linguagem é material talvez dotado de força para que nela se modifiquem nossas formulações. (LACAN, 1971 [2001, p. 23])

Dar lugar a novas falas que possam fabricar uma mudança na materialidade das formulações da linguagem. Esta é a prática clínica que Lacan permite: uma prática clínica que, ao entender o sintoma como operando o mesmo funcionamento da linguagem, entenda-se político ao movimentar uma operação de furo da cadeia fechada dos códigos rígidos da língua. É no litoral entre o semblante e essa ruptura que permite uma abertura para a escritura, que Lacan situa a psicanálise: no paradoxo de apresentar a quebra com o semblante sem abdicar dele:

Será possível, do litoral, constituir um discurso tal que se caracterize por não ser emitido pelo semblante? É essa a pergunta que só se propõe pela chamada literatura de vanguarda, a qual, por sua vez, é fato de litoral: e portanto, não se sustenta no semblante, mas nem por isso prova nada senão a quebra, que somente um discurso pode produzir, com efeito de produção (LACAN, 1971 [2001, p. 23])

Tomamos, portanto, as escrituras de Nery e Preciado como terreno para articulação de novas falas. João Nery (2011) nomeia sua escritura como “uma releitura da minha própria história”. Nery detalha suas intervenções corporais: a retirada de seios, a retirada dos órgãos

---

<sup>4</sup> Na presente tradução, o termo *écriture*, do francês, foi tomado por escrita. Em algumas versões dos textos de Barthes, opta-se pela tradução do mesmo termo, como “escritura”, para marcar uma diferença conceitual. Neste trabalho, optamos por tomar esta escrita como escritura, nos termos barthesianos.

reprodutivos, o uso de hormônios e a sua escolha de não se submeter a uma faloplastia. Além desses detalhes práticos e objetivos, Nery amarra uma história para a sua vida. Ele nos dá testemunho desde os episódios que marcaram uma infância e o levaram a perceber sua incompatibilidade em responder ao que lhe era exigido socialmente, assim como dos (des)encontros amorosos sempre presentes, apesar de tudo.

Ao mesmo tempo que Nery se sentia fora do que era determinado para o seu corpo, a insistência em apoiar-se em seu corpo, como o único lugar que lhe daria forma, fez com que o autor se movesse, e subvertesse as dinâmicas sociais às quais se constrangia. Nery encontra em seu corpo a cumplicidade e a dialética necessárias para uma articulação de afirmações difíceis, como a de se submeter a mais de uma operação cirúrgica para afirmar, com seu corpo, aquilo que identificava como seu posicionamento sexuado, ou seja, não bastava identificar-se enquanto homem, era necessário tornar-se homem “de carne e osso”.

O autor nos apresenta esta sofisticada narrativa em quatro tempos, quatro capítulos: Desencontros, Descobertas, Metamorfose e Paternidade. Como leitora, acrescentaria um quinto tempo no final do quarto capítulo, onde ele percebe a sua história como ato político ao se deparar com os avanços dos movimentos LGBTQI+. Neste último tempo, o autor se mostra surpreso com os avanços dos movimentos e compartilha inclusive a história de Thomas Beatie, um FtM (female-to-male) americano e o primeiro “homem grávido”:

Em 2008, ele declarou para uma revista que “querer ter um filho biológico não é um desejo feminino ou masculino, é um desejo humano”. Até aquele momento, ele só tinha feito a retirada das mamas e a hormonioterapia. Casou-se legalmente com uma mulher mais velha, que já tinha duas filhas casadas, e eles desejaram ter um filho. Ela tinha ficado estéril. Resolveram, então, que ele engravidaria, já que ainda tinha útero. Começou o processo de tornar-se um “homem grávido”. Parou de tomar testosterona e voltou a ovular naturalmente, não sendo necessário o uso de qualquer droga para aumentar a fertilidade (NERY, 2011, p. 317)

Este caso do “homem grávido” mexe muito com Nery, e nos conta que ao se reconhecer como parte desse movimento também reconhece os conflitos que surgem para ele pela heterogeneidade das combinatórias transexuais. Nery encerra sua escritura dando um novo lugar para a sua história dentro de um contexto político, e afirma: “Minha cabeça, a princípio, deu um nó, mas farei também que era mais uma alternativa na desconstrução do império normativo sexual.” (NERY, 2011, p. 321). Ou seja, ao mesmo tempo que se localiza

em uma narrativa política ampla, inscreve através de uma enunciação apoiada em seu corpo, uma história, tornando-a estofa para “novas falas”.

A escritura de Paul B. Preciado (2018), por sua vez, tem formato de diário onde Preciado descreve suas experiências corporais, especialmente o uso de testosterona...

[...] aplico na pele uma dose de 50mg de testogel para começar a escrever este livro. Não é a primeira vez. Essa é minha dose regular. As cadeias de carbono O-H3 C-H3 C-OH penetram gradualmente a epiderme até as camadas internas, até os vasos sanguíneos, as glândulas, as terminações nervosas. Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero low-tech feita de dildos, textos e imagens em movimento, [...] (PRECIADO, 2018, p. 18)<sup>5</sup>

Preciado também teoriza e defende com seu próprio corpo o que já havia começado em *Manifesto Contrasexual* (2000). Os dildos, em evidência no Manifesto, ganham um contexto estruturado e teorizado em um novo conceito: o dispositivo farmacopornográfico. Preciado justifica a relevância de suas formulações como político-sociais: “é possível esboçar um novo mapeamento das transformações da produção industrial durante o último século, usando como eixo a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade.” (PRECIADO, 2018, p. 26). Em referência à Foucault, traça a somatopolítica à sua maneira, “Sigam-me”, diz:

As mudanças do capitalismo a que vamos testemunhar se caracterizarão não só pela transformação do “sexo”, do “gênero”, da “sexualidade”, da “identidade sexual” e do “prazer” em objetos de gestão política da vida (como Foucault já havia intuído em sua descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social), mas também pelo fato de que esta gestão em si mesma será levada adiante por meio das novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos investiram mais dólares na pesquisa científica sobre o sexo e sexualidade do que qualquer outro país ao longo da história. A aplicação de vigilância e biotecnologias para governar a sociedade civil começou no final da década de 1930: a guerra era o melhor laboratório para moldar o corpo, o sexo e a sexualidade. (PRECIADO, 2018, p. 27)

---

<sup>5</sup> Não vamos nos deter aqui aos termos “pós-pornográfico”, “prótese molecular” e “dildo”, apenas nos interessa destacar o estilo desta escrita.



Isto nos interessa tanto pela ampla genealogia acerca dos moldes do sexo como pelo aspecto experimental da escritura. Preciado usa como recurso o próprio corpo para a formulação e sustentação de toda uma teoria. Dessa maneira, vemos em ambas escrituras, produções narrativas através de form(ul)ações de corpos desviantes que nos fazem ver a artificialidade daquilo que não se revela: o erotismo. É a partir daí que é possível dar lugar a enunciações inteiramente singulares no campo do sexual.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, (1973) 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (1990) 2003.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos Sonhos In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, vol. IV**. Rio de Janeiro: Imago, (1900) 1996.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XVI**. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1923) 2006.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor. In: <<http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/L3FoucaultAutor.pdf>>. 1969.

LACAN, Jacques. Para além do Princípio do Prazer. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, (1936) 1988.

LACAN, Jacques. Estádio do Espelho. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, (1945) 1988.

LEGUILE, Clotilde. Je. **Une traversée des Identités**. Paris: PUF, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, (1973) 1998.

PERELSON, Simone; BRITTO, Nelly; VARGAS, Alejandra. O x da questão: formar o corpo, transformar a língua? In: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/article/view/14356/10147>> 2017>.

PRECIADO, Paul B. **TESTO JUNKIE Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, (1906-11) 2013.